

Breves considerações sobre processo de transformação da existência dos pescadores artesanais na modernidade

DAUTO J. DA SILVEIRA*

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir as transformações históricas e sociais sofridas pelos pescadores artesanais ao longo da história e o papel das forças produtivas na consolidação destes acontecimentos. Para alcançar estes objetivos usou-se o método materialista-dialético diante do qual as contradições da realidade social engendram elementos decisivos para a superação dos homens. Desse modo, percebeu-se que a modernidade foi responsável não só pela dissolução profunda da vida tradicional dos pescadores artesanais como também criou condições para que eles se apropriassem de novos arranjos materiais.

Palavras-chave: modernidade, dialética, materialismo e pescadores artesanais

Abstract

This article discusses the social changes experienced by fishermen throughout history, and the role of the productive forces in the consolidation of this event. To achieve these goals we used the dialectical-materialist method which shows the contradictions of social reality engender decisive elements that may overcome men. Thus, the text shows how modernity was not only responsible for the dissolution of the deep traditional life of fishermen, but it also created the conditions for them to take possession and to make use of new materials.

Key words: modernity, dialectical materialism and fishermen



* **DAUTO J. DA SILVEIRA** é Sociólogo, Mestre em Sociologia Política e Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná. E-mail: dautojs@gmail.com

Introdução

Um dos fundamentos do modo de produção capitalista é a produção e a reprodução da vida imediata, ou seja, produzir e reproduzir – além das mercadorias e mais valia – a relação capitalista: de um lado, o capitalista e do outro, o assalariado, conforme Marx (2004). Essa relação que pauta a sociedade burguesa moderna forma-se na história durante o século XVIII (momento), em que houve a separação do trabalhador dos meios de produção, ainda que focos do modo de produção capitalista já tivessem aparecido entre os séculos XIV e XVII. Somente no século XVIII, entretanto, é que a servidão já tinha sido abolida e as cidades soberanas, símbolos da Idade Média, entraram em plena decadência¹. Portanto, compreender a transição do feudalismo ao capitalismo, germe da acumulação primitiva capitalista, chancela a se compreender que a monetarização da existência dos pescadores artesanais engendra processos (de)compositivos das formações sociais constituídas tradicionalmente.

Com a formação do modo de produção capitalista, se desenvolve um fenômeno, em uma velocidade extraordinária, que dá impulso e dinamismo jamais vistos na história da humanidade: o desenvolvimento das forças de produção social. É este desenvolvimento que se espalha por todos os cantos da Terra, que se universaliza os segredos mais íntimos

1 Compreende-se que o cenário, exposto acima, permitiu que trabalhadores livres vendessem as suas forças de trabalho, mercadorias, para comprar os meios que garantirão a produção de suas existências. Neste sentido, se está de acordo com a afirmação, mediante a qual Marx (2004) menciona que a circulação das mercadorias é o ponto de partida para a formação do capital.

do capital. Segundo AUED (1999, p. 119, apud, CAMPANA, 2006, p. 45):

a razão de ser do capital, produzir para acumular-se com a finalidade de produzir mais riqueza, é que impõe à produção a capacidade de gerar riqueza ilimitadamente. Entretanto, “quanto mais potencializa a produção da riqueza, mais incorpora trabalho vivo (excedente) em trabalho passado”. Nesse sentido, as condições que limitam a produção das coisas para serem vendidas e compradas são rompidas e superadas. “É esse processo que permite um fantástico salto de qualidade das forças produtivas sociais e que rompe com o invólucro que prendia a produção às condições naturais.

Afirma-se que o início dessa nova formação social possibilitou a sociedade burguesa instituir o assalariamento como condição necessária para a reprodução de uma parte dela mesma; a outra parte, como se sabe, é reproduzida pelos capitalistas, proprietários dos meios de produção. O assalariamento² surge, portanto como condição *sine qua non* para os desprovidos de meios de produção. E é mediante este movimento universal, que se opera pela ação das leis imanentes à própria produção capitalista, cujas forças produtivas (meios de produção – máquinas, matérias primas, combustíveis, etc. e

2 Concebemos o assalariamento como categoria histórica por meio da qual os homens, desprovidos de meios de produção, conseguem seu sustento por meio da venda da sua força de trabalho. Vendem sua força de trabalho e recebem dinheiro que possibilita a compra de outras mercadorias e a inserção em outros ramos da vida imediata. O salário se manifesta, conforme veremos mais adiante, no caso das comunidades de pescadores artesanais, como condição de superar o seu estado de coisas, ou seja, ele é uma forma superior à pesca de subsistência e às formas sociais encontradas na pesca artesanal.

forças de trabalho – assalariados de todos os tipos, trabalhos de diverso caráter concreto e distinta qualificação), que o assalariamento³ se processa. Na concepção de Marx (2004, p. 91): “como capital, o valor do trabalhador aumenta no sentido da procura e da oferta e, também fisicamente, a sua existência (*Daisen*)⁴, a sua vida, se torna e é sabida como oferta de mercadoria, tal como qualquer outra mercadoria”.

No entanto, qual é o nexos, da exposição feita acima, com os problemas enfrentados pelos pescadores artesanais na modernidade? Por que deve-se pensar que a universalização desta formação social implicou transformações na vida local, mais simples das comunidades tradicionais de pescadores artesanais?

Quando afirma-se que o assalariamento, enquanto condição capitalista, modo pelo qual o trabalhador moderno adquire sua subsistência, adentra nas entranhas do modo de produzir a vida da sociedade moderna, quer-se dizer que ele possibilita que o trabalhador tenha capacidade de criar nexos, relações e mediações com esta universalidade. As práticas mais comuns, as “coisas” mais elementares da vida, isto é, os laços que amarram os

homens, o sentido que se dá à vida, o cotidiano, as subjetividades, o uso das tecnologias, o útero das famílias e os costumes mais restritos de uma comunidade pré-capitalista eram engendrados por formas que não pressupunham a racionalização do capital. Ou seja, o modo de vida do camponês, por exemplo, ligado à terra, ou o do pescador, ligado ao mar, transformam-se, pois são determinados pela dinâmica do capital. A expropriação dos camponeses na Europa no século XVI oferece um substantivo material histórico para esta compreensão. Ou, até mesmo, a decomposição das atividades tradicionais dos pescadores assim que a exploração de bacalhau, em grande escala, ganhou impulso com a correria das principais potências pesqueiras da Europa: bascos, franceses, holandeses e ingleses. Esta dinâmica moderna rompe com os laços locais, da propriedade comum entre os homens. A tendência do capitalismo, portanto, é transformar tudo e todos em mercadorias universais. O modo de vida mais simples e “natural”, preso às tradições locais se decompõe na modernidade.

Este artigo versa sobre a problemática (ainda pouco discutida no terreno dos teóricos das comunidades tradicionais, especialmente as dos pescadores artesanais, o que veio a se constituir no final do século passado em uma sociologia marítima e da pesca) decorrente do impacto que a modernidade provoca nas suas formas de vida constituídas tradicionalmente. Defender-se-á que a relação do homem com o meio produz elementos materiais com os quais o ser humano eleva o seu estado presente e para os quais a sua vida ganha sentido espiritual.

3 O que o capital inaugura na sociedade capitalista pode ser entendido na seguinte citação de Marx (2010, p.32): “o capital pressupõe o trabalho assalariado, e o trabalho assalariado pressupõe o capital. Eles se condicionam e se reproduzem, reciprocamente. Numa fábrica têxtil algodoeira, produz o trabalhador apenas artigos de algodão? Não, ele produz capital. Produz valores que servem de novo para comandar seu trabalho e para criar, através deles mesmos, novos valores”.

⁴ O *Dasein*, usado na citação de Marx, refere-se, na tradição filosófica, ao termo *existência*. Na filosofia heideggeriana, obra bastante estudada no século XX, o termo *Dasein* tem um sentido fundamental, especialmente quando é discutida a questão do *Ser*.

O fundamento da relação do pescador artesanal com a natureza e com os seus instrumentos

Defender-se-á, a partir de agora, com base no que foi levantado acima, que na medida em que a modernidade engendra novas formas sociais, ou seja, as tecnologias e as formas de todo tipo de trabalho, vai pondo limites às formas pretéritas. Dito de outra forma: “o efeito da introdução dos novos engenhos consiste em favorecer a possibilidade de as massas tomarem consciência da variação expansiva das forças produtivas e do papel que a elas cabe, pelo seu trabalho como causas primeiras dessa expansão” (PINTO, 2008, p. 85).

A pesca artesanal, portanto, manifesta um tempo histórico diante do qual a relação dos pescadores com a natureza expressava-se pelo baixo grau de desenvolvimento das forças produtivas. Isso pode ser percebido na forma medieval de produção em que a relação visceral do pescador artesanal com o seu mundo tradicional começa a sofrer com os avanços das cidades modernas.

A tecelagem, que até agora era exercida pelos camponeses na condição de atividade acessória, a fim de proporcionar a vestimenta necessária, foi o primeiro trabalho que se viu impulsionado e adquiriu novo desenvolvimento mediante a expansão do intercâmbio. A tecelagem foi a primeira e permaneceu sendo a manufatura mais importante. A demanda crescente de artigos de vestimenta entre a população que crescia, a acumulação que principiava, a mobilização do capital natural-primitivo através da circulação acelerada e a necessidade de certo luxo, provocada por todos esses fatores e propiciada pela expansão gradual do intercâmbio, imprimiram à tecelagem um impulso quantitativo e qualitativo

que a arrancou de suas formas de produção tradicional. Juntos aos camponeses que teciam para atender a suas próprias necessidades, que seguiram existindo e existem ainda hoje, apareceu nas cidades uma nova classe de tecelões que destinavam seus produtos a todo o mercado interno e, muitas vezes, inclusive aos mercados externos (MARX, 2007, p. 81, et. seq.)

No trabalho artesanal, o trabalhador relatava enquanto tecia, fiava ou esculpia, sem a pretensão de informar dados objetivos. O trabalhador mantinha com a matéria narrada - a vida humana - uma relação semelhante àquela do artesão com sua matéria prima devido ao caráter de “imediatez da experiência”. Havia uma atitude de ingenuidade na relação de narradores e ouvintes, no vínculo visceral entre narrador e conteúdo narrado. Marx também menciona a destruição da espontaneidade presente na atividade laboral. Mediante o seu ponto de vista materialista, atribui este desaparecimento ao fenômeno econômico da concorrência universal:

Ela (a concorrência universal) obrigou todos os indivíduos a despende ao máximo a sua energia. Ela fez tudo para anular a ideologia, a religião, a moral etc. [...] De uma maneira geral e na medida do possível, ela destruiu a espontaneidade natural presente no trabalho, e reduziu todas as relações naturais a relações de ordem monetária. No lugar das cidades de surgimento espontâneo, ela criou as grandes cidades industriais modernas. [...] ela consagrou a vitória da cidade sobre o campo [...].

Neste sentido, a difusão da cidade moderna foi um dos fatores que ensejaram o desaparecimento do

ambiente de trabalho favorável à narração. Esta constatação de Walter Benjamin está afinada com a análise de Marx da corrosão gradual das formas medievais de produção que se centra no enfoque da evolução da indústria têxtil, como afirmam De Lima & Magalhães (2010, s/p):

De fato, as novas formas de sociabilidade e de trabalho no espaço urbano moderno eram incompatíveis com a transmissão das experiências entre as gerações (*erfahrung*), favorecendo as vivências estritamente individuais *erlebnis* (experiência inautêntica). Assim sendo, o modo de conhecimento na cidade moderna não é mais a experiência, que se remetia à memória pessoal e coletiva, que engajava o sentimento e a reflexão. Ao contrário, predomina agora a vivência, que repousa na atenção distraída – uma forma de conhecimento passivo, difuso, periférico.

Segundo Marx (2005) é a cidade, por excelência, o espaço onde a vida moderna se desenvolve. O surgimento das cidades modernas implica sempre um certo número de realidades e de processos, com regularidades evidentes. “Não há abertura ao mundo, não há trocas à distância sem cidades” (BRAUDEL, 2005. p. 441 et. seq.). A cidade, portanto, é o antagonismo patente à vida rural, ou à vida das comunidades isoladas. “Nunca uma cidade se apresenta sem o acompanhamento de outras cidades. Um senhoras, outras servas ou mesmo escravas, estão ligadas, formam uma hierarquia, na Europa, na China ou em qualquer lugar”. Cidades, desde a infância da modernidade até os dias atuais, representam a complexidade da vida em si, ou seja, é dentro dela que nasce as conquistas mais relevantes do capitalismo. As cidades, segundo

Braudel (1983): organizam a indústria, os ofícios, inventam ou reinventam o comércio longinquo, a letra de câmbio, as primeiras formas de sociedades comerciais e de contabilidade; inauguram também, e depressa as suas lutas de classes.

Toda esta massa de complexidade que as cidades modernas carregam, que, não obstante, é produto do desenvolvimento do capital, se contrasta com as localidades mais simples, com os locais onde a vida se manifesta de modo ainda tradicional, como, por exemplo, a vida no campo. Para o presente objeto ganhar sentido profundo, ante ao que foi explicitado, pode-se dizer que esse contraste também se percebe na vida que se manifesta nas comunidades tradicionais de pescadores artesanais. É bastante comum observar que nestes territórios tradicionais impera o conhecimento empírico das coisas, ou seja, o apego das relações entre pescador e o meio natural, sedimentado pela natureza e pela cultura, é muito valorizado. Nas comunidades de pescadores o seu saber-fazer, em alguns casos primitivos, como é o da construção de canoa, redes, cura das doenças, modo pelo qual se expressam com o meio, etc. e os seus trabalhos mais diversos são realizados com baixa capacidade tecnológica, características da sociedade antiga⁵.

5 O economista Dr. Idaleto Aued, alude que nas comunidades tradicionais a produção da existência dos pescadores estava determinada pelo tipo de vida mais simples, onde as formas de superar os problemas do cotidiano se davam por soluções empíricas, ou seja, o que era considerado era o conhecimento imediatista, ainda que advindo de longas tradições. Nestes casos, a medicina caseira, desprovida de conhecimento científico, era a ordem da comunidade, as relações comerciais ainda não sofriam com a natureza complexa do comércio moderno e a expansão das forças produtivas desconfigura radicalmente o mundo pacato e

É dessa forma que percebe-se a diferença entre modernidade e tradicionalidade. Ou seja, no primeiro caso, temos o uso da ciência como fundamento das coisas e, no segundo, o conhecimento empírico, como o saber fazer das coisas. No entanto, este antagonismo não é um retrato que põe-se na parede para fitar. Ele tem implicações materiais na vida dos homens reais. A modernidade é por natureza um modo de vida dominante e que, ao se espriar, conecta-se com todas as pessoas do mundo. Assim, assiste-se a expansão dos nexos, das relações e mediações da sociabilidade mais ampla. Para as comunidades tradicionais, a sociabilidade mais ampla manifesta-se como negação da propriedade comum, isto é, negação de uma vida local, arregimentada à tradicionalidade. Esse processo de negação é visto como o enfraquecimento das relações mediadas pela consangüinidade, os costumes e a tradição por aquelas mediadas pela razão, o cálculo e o interesse. O modo de produzir a vida, nesse estado, passa a ser insuficiente ante os novos meios de sociabilidade que se apresenta. A produção, que estava atrelada à satisfação de suas vontades primárias, de subsistência é insuficiente para transformar a vida em uma vida inserida na sociedade mais ampla, mais complexa materialmente.

adstrito dos pescadores artesanais. Surge a necessidade de produzir a existência de outra forma, isto é, a solução para as doenças advém, agora, dos remédios produzidos por grandes laboratórios vendidos nas grandes farmácias, o comércio torna-se universal, superando a localidade de outrora, os filhos não mais reproduzem os mesmos costumes e hábitos profissionais dos pais. Temos, portanto, a expressão dos elementos advindos do novo modo de produção e que impõe à comunidade a necessidade de se apropriar deste novo desenvolvimento.

O homem e o pesca: ou como a modernidade transforma essa relação do “em si” ao “para si”

Assim apreende-se a relação do homem com o mar, ou seja, o mar foi para os homens, desde os primórdios da humanidade, a possibilidade de reprodução das suas existências, tempo que sequer a agricultura havia se desenvolvido.

A pesca na sociedade pré-capitalista era uma atividade de extrema relevância para os homens: os Fenícios (século XV a. C.) garantem esta informação. No Império Romano a Lei Licínia considerava a pesca uma atividade de escravos e o comércio era controlado por negociantes especializados. Na Idade Média o desenvolvimento das forças produtivas estabelece um avanço para a atividade pesqueira, mediante a qual o pescador conseguia manter os seus níveis de subsistência: a pesca possibilitava ao pescador o controle de sua produção.

Na sociedade medieval, sobretudo em seus primeiros séculos, a produção destinava-se principalmente ao consumo próprio, a satisfazer apenas às necessidades do produtor e sua família. E onde, como acontecia no campo, subsistiam relações pessoais de vassalagem, contribuía também para satisfazer às necessidades do senhor feudal. Não se produzia, pois, nenhuma troca, nem os produtos revestiam, portanto, o caráter de mercadorias. A família do lavrador produzia quase todos os objetos de que necessitava: utensílios, roupas e viveres (2008, s/p)

Assim era possível que a renda da terra fosse paga, pelo servo-camponês, em peixe. Sobre isto Marx (2004, p. 19) observa: “a propriedade consistia principalmente no trabalho de cada

indivíduo”.

O primeiro caso pressupõe que os indivíduos apareçam agrupados por qualquer vínculo, seja o da família, seja o da tribo, o da própria terra etc., no segundo caso, ao contrário, eles são supostos como independentes uns dos outros e relacionados somente por meio do intercâmbio. No primeiro caso, o intercâmbio é fundamentalmente, um intercâmbio entre os homens e a natureza, uma troca, na qual o trabalho de uns é trocado pelos produtos da última; no segundo caso se trata, antes de tudo, do intercâmbio entre os homens. No primeiro caso basta o sentido comum e corrente, a atividade física ainda não se separou da intelectual; no segundo, a divisão entre o trabalho físico e intelectual já tem de ter sido levada praticamente a cabo. No primeiro caso o poder do proprietário sobre aqueles que não o são pode repousar em relações pessoais, em uma espécie de essência comunitária; no segundo caso tem necessariamente de ter adquirido forma material em um terceiro objeto, no dinheiro. No primeiro caso existe a pequena indústria, todavia subsumida ao emprego do instrumento natural de produção e, portanto, sem distribuição do trabalho entre diferentes indivíduos. No segundo caso a indústria se fundamenta apenas na e por intermédio da divisão do trabalho [grifo nosso] (MARX, 2004, p. 92-93).

A pesca e a fabricação de redes eram incentivadas pelos monges para atender ao consumo crescente dos cristãos “a pesca se realizava no interior das propriedades feudais, constituindo-se em uma atividade ligada à agricultura e praticada, sobretudo, nos lagos, lagoas e zonas costeiras” (DIEGUES, 1983, p.14). Já no século IX estabeleceu-se

uma legislação especial para a proteção dos alevinos de salmão. No século XI surgiram as corporações ou confrarias de comerciantes (*Confrérie des Marchands de L'Eau, dos Prères Pontifies*).

Fica claro que o comércio de peixes da época, acima mencionado, acelerou a atividade produtiva do mar. A partir deste momento passaram a ser produzidos, por exemplo, barcos cada vez mais sofisticados e a evolução das técnicas e das economias dão outro ritmo à vida local. É o que vê-se na escassez de madeiras e no êxito da concorrência dos países nórdicos à exportação de embarcações. Braudel (1983, p. 165) explica as razões pelas quais o impulso por novas técnicas de embarcações surge no Mediterrâneo a partir do século XV:

Ragusa, que, como Portugal, se especializa na construção de cargueiros, utiliza as florestas de robles do monte Gargano (também conhecido como tratado de 1607, que lhe confere superioridade sobre os Portugueses, os quais, segundo o mesmo tratado, se tivessem também um monte Sant' Angelo seriam os construtores dos mais belos galeões⁶ do mundo. Os caramusalis turcos são construídos com grandes plátanos, madeira excelente e especialmente adequada à construção naval. Para durar muito tempo, uma galera precisava de que na sua construção entrem diversas madeiras, conforme as exigências específicas dos diversos sectores da estrutura: carvalho, pinho, lárice, ulmeiro, abeto, faia,

6 Galeões são embarcações com cerca de 16m por 4m de boca usados na arte do cerco. Antes de incorporarem motor eram barcos de convés corrido no qual eram fixos sete bancos, a bordo para os remadores. Com o passar dos tempos os galeões foram substituídos pelas traineiras para a pesca da sardinha, cavala e carapau.

nogueira. Os melhores remos seriam os fabricados com as madeiras que chegam a Narbone através do Audo e do seu canal.

Como observa-se, todo o setor marítimo passou por um período de transformação: as embarcações de serviços portuários e de utilidade geral, o tipo de pescaria, as práticas tradicionais dos artesãos, os materiais de construção. Todo este movimento de mudança, segundo Braudel (1983), alcança a atividade de todos que vivem do mar, inclusive a pesca artesanal em si passa a ser determinada por estas transformações.

É deste modo que os pescadores buscaram novos caminhos para as suas práticas, muitas vezes mudavam inclusive dos seus tradicionais *habitats*. Nesta complexa atividade de produzir a existência, soma-se os camponeses italianos que também já sentiam o “encanto” da nova sociedade nascente e migravam para buscar melhores condições de vida⁷

Mais uma vez Braudel (Ibidem, p. 167-168) alude:

Quem navegue ao longo da costa catalã facilmente se apercebe das casas brancas sobressaindo entre as árvores, casas habitadas por gente que rasgou em terraços o vasto maciço e todos os dias luta duramente pela conservação dessas verdadeiras obras-primas de horticultura. A estas aldeias da

montanha corresponde frequentemente, cá em baixo, uma aldeia de pescadores, por vezes parcialmente construída sobre a água: Arenys de Mara baixo de Arenys de Mount, Caldetes abaixo de Lievaneres, Cabrera abaixo de Cabrilis. Idêntica situação na “rivera” genovesa, cujas velhas aldeias da montanha têm frequentemente um porto de pesca, a sua scala à beira-mar, e também um pouco por toda a Itália, sendo a ligação entre os dois povoados assegurada por jumentos. Isto quer dizer que a aldeia marítima, de fundação mais recente, nasceu de uma necessidade econômica da aldeia rural, a que continua intimamente associada, ilustra exemplarmente o tipo de economia dos maciços costeiros, tão escassos de recursos que nem a própria associação das duas aldeias consegue responder satisfatoriamente às necessidades da população; por exemplo, um viajante que em 1838 visitou as aldeias catalãs de Rosas e San Feliu de Guixols reparou que, apesar de situadas num mar rico em peixe, era notória a escassez de víveres nos respectivos mercados: um punhado de legumes, um quarto de frango [grifo nosso].

Ainda neste importante momento da história, momento de plena revolução da base produtiva assiste-se há um outro fenômeno: as metrópoles nascentes atraem estas aldeias marítimas, com todos os pescadores e com todas as suas tradições seculares. Ademais, as cidades passaram a fornecer os meios mais complexos sobre os quais a vida se manifestava. “O progresso da atividade marítima ao longo da costa catalã seria dificilmente explicável sem a existência de Barcelona” (p.168).

A cidade, pelo que se depreende, é um exemplo de como o desenvolvimento

7 Sobre esta transformação é mister mencionar que o “ato de reprodução, em si, muda não apenas as condições objetivas – transformando aldeias em cidades; regiões selvagens em terras agrícolas, etc. -mas os produtores mudam com ele, pela emergência de novas qualidades transformando-se e desenvolvendo-se na produção, adquirindo novas forças, novas concepções, novos modos de relacionamento mútuo, novas necessidades e novas maneiras de falar”

das forças produtivas expulsa os pescadores de sua atividade sensível, mas estabelece novas formas de produzir a vida. A cidade é por natureza o espaço onde a vida acontecia com mais complexidade. Marx (2007, p. 75) observa que:

O antagonismo entre campo e cidade começa com a passagem da barbárie à civilização, do regime tribal ao Estado, da localidade à nação, e se mantém ao longo de toda a história da civilização até chegar aos dias de hoje (anti-corn-lawleague)... Com a cidade, aparece a necessidade da administração, da polícia em comunidade (Gemeindewesen) e, portanto, da política em geral. Nisso se manifestou pela primeira vez a separação da população em duas grandes classes, baseada diretamente na divisão do trabalho e nos instrumentos de produção. A cidade já é obra da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, do desfrute e das necessidades, ao passo que o campo representa o expoente cabal ao fato contrário, quer dizer, ao isolamento e à solidão [grifo nosso].

O que afirma-se é que na medida em que as forças produtivas vão se tornando mais desenvolvidas, o capitalismo faz isso com excelência, vão surgindo no seio das comunidades de pescadores novos meios de produzir a vida e que negam a sua forma tradicional. Ou seja, para o pescador, os velhos modos de pesca já não dão mais conta; a vida para além da sua relação com a natureza e com o produto do seu trabalho está superada. Isso explica porque o pescador, quando passa a ter contato com as conquistas do capitalismo, abandona a subsistência da pesca; para ele é mais importante ser assalariado do que depender da “sorte”

da pescaria. No exemplo, acima citado, Braudel (1983) deixa evidente que a sorte dos pescadores estava intimamente atrelada à dinâmica da sociedade nascente. As importantes comercializações, as novas descobertas, o intenso apoio dos governos à pesca, que os países estabeleciam, configuravam, por sua vez, a vida dos pescadores de um modo geral.

É nesta perspectiva histórica que concebe-se a transformação que sofre o pescador artesanal na sociedade burguesa moderna. Isto é, a sociedade moderna, enquanto desenvolvimento livre das forças de produção engendra na vida dos homens uma capacidade de emancipação do seu estado pretérito, ainda que, como viu-se, independente de uma forma ou de outra, ou da vontade, dos desejos, das ideologias e das crenças dos homens. Ela afasta o pescador artesanal, aquele trabalhador que para viver depende dos recursos do mar e dos seus meios de pesca, do seu modo de vida tradicional e cria condições para que ele se aproprie de novos meios.

Referências

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Filipe II**. São Paulo, Martins Fontes, 1983.

_____. **Civilização material, economia e capitalismo séculos XV-XVIII**. São Paulo, Martins Fontes, 2005

CAMPANA, Samya. **A Emancipação Humana a partir da Síntese Histórica do Desenvolvimento das Forças Produtivas Sociais: o Sistema de Laboratório**. Dissertação de Mestrado. UFSC. Florianópolis, 2006,

DIEGUES, Antônio C. Sant'Ana. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo. Ática, 1983

DE LIMA, Francisco Gudiene Gomes & MAGALHÃES, Suzana Marly da Costa. **Modernidade e declínio da experiência em**

Walter Benjamin, Acta Scientiarum. Human and Social Sciences Maringá, v. 32, n. 2, 2010. Disponível em: periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/.../7396. Acesso em: 12/05/2010 às 15h e 51min.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____ **A Ideologia Alemã: Crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-46**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007.

_____ **Manuscritos Econômicos-filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2004.

_____ **Trabalho Assalariado e Capital e Salário Preço e Lucro**. São Paulo,

Ed. Expressão Popular. 2010

PINTO, Alvaro Vieira. **O Conceito de Tecnologia**. São Paulo, Ed. Contratempo, 2008

Disponível em: <http://orientacaomarxista.blogspot.com/2008/06/o-aterialismo-histricofriederich.html> Acesso: 29/01/2010 às 14h e 58min 62 (remover e incluir nas referências) Disponível em: <http://iuperj.br/publicacoes/forum/csoares.pdf>. Acesso em: 14/05/2010 às 10h e 10min

Disponível em: <http://olhao.web.pt/pesca/embarcações.htm>. Acesso em 12/05/2010 às 14h e 41min

Disponível em: www.posgrap.ufs.br/.../ARQ.../Arq_Art_PROM_ETEUSranieri.pdf Acesso em: 12/04/2010 às 16h e 45min.